

não lhe há-de ser difícil corresponder às novas responsabilidades que esta exposição lhe trouxe.

E caso generoso, tendo ocasião de o mostrar ali com melhor realce, destacou para o Salão dos Aguarelistas, de que vou passar a ocupar-me, o mais belo dos seus trabalhos, êsse delicioso *Terraço*, cheio de flores e de jogos de luz, que o Estado adquiriu em hora inspirada.

QUARTA EXPOSIÇÃO DE AGUARELA,  
DESENHO E MINIATURA DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES

Entre as minhas recordações amáveis, conto a de ter sido escolhido para prefaciar o catálogo da primeira Exposição de Aguarela, em Janeiro de 1914. Era uma tentativa nova essa de emancipar da visinhança esmagadora do óleo a mancha mais diáfana das tintas de água. Frutificaria? Encontraria a aguarela cultores bastantes para permitir uma sua anual reunião? A experiência veio mostrar que os promotores e incitadores de tão simpático movimento se não enganavam. Tivemos a quinta exposição, e nenhuma dúvida resta sobre o facto de se dar à aguarela honras em separado o haver contribuído para o prestígio do género e para a angariação de novos prosélitos.

Columbano, que já honrara a primeira, trouxe à exposição de Janeiro um maravilhoso interior em tons vermelhos e doirados, *O Lavatório dos Cisnes*, só possível, pelas dificuldades acumuladas e vencidas, a êsse bruxo do pincel.

Para Roque Gameiro, toda a gente o sabe, a aguarela também não tem segredos. Domina-a tão completamente que, se alguma vez peca, é por a levar longe demais. Grande apaixonada da sua terra, ninguém lhe tem escabichado melhor os sítios, os tipos, as curiosidades. Foram agora as praias de Sintra que o cativaram, o Atlântico buliçoso e as penedias caprichosas da Adraga, da Abitureira, das praias da Ursa, do Cavalo, das Maças, dando-no-las com verdadeiras feitiçarias de colorido, glaucamente claro como na *Ponta do Mindelo*, fulvo na *Praia pequena*, fantástico na *Gruta da Abitureira*, insinuante na *Praia da Adraga, à tarde*, onde a finura da areia deleitava, e levando o seu entusiasmo pelo mar a querer retratar num vasto cartão, *Devois da chuva*, que ainda o não satisfaz por completo, a desesperadora fugacidade com que uma bela onda que se quebra cede o passo a uma nova onda que se enrola para ser diversa da outra que se vem formando.

Como desfastio aos ócios do verão, João Vaz fixou alguns trechos de Sintra, *O Portal de Seteais*, dois aspectos do velho paço, o *Claustro da Trindade*, uma *Rua de Sintra*. Tocados com amor, não nos fazem esquecer o seu mar, e os seus barcos.

Alves de Sá nunca deixa de se evidenciar. Convencional de quando em quando, forçando algures demasiadamente os contrastes, como no *Caminho do Paço* ou no *Vale dos Junqueiros*, em que o leito dos seixos igualava uma colcha de retalhos, tinha ao lado, dum banal *Sób a latada* e de algumas paisagens agradáveis, uma das melhores aguarelas da exposição, um *Interior*, que vai para o Museu e bem o merece pela justeza, pelo arranjo e pela segurança.

De resto, os interiores fizeram desta feita boa figura, pois deve ainda registrar-se um terceiro, o *Tremó*, de Leitão de Barros, entre cujos restantes trabalhos avultava o n.º 85, *Evora, cidade clara*, refractando no casario de Alconchel a violência da luz alentejana.

Igualmente alentejanas, as três aguarelas de Alberto de Sousa, que ainda há bem pouco expuzera no Carmo. Garrido e interessante o n.º 157, *Evora, velho convento*.

A *Maria* de Carlos Bonvalot, adquirido pelo Estado, brilhava pela fineza, não sendo para desprezar o seu *Pierrot* elegante e a mulher lavando do n.º 35.

Expunham ainda Alfredo de Moraes, Jaime Barata, Azevedo e Silva, Gabriel Constante, Jorge Pinto, Tertuliano Marques, Eduardo Romero, Narciso de Moraes, Albertino Guimarães, Pedro Guedes, Cristino da Silva, etc.

Das senhoras, já louvei o lindo *Terraço* assinado por Helena Roque Gaimero. Pouco feliz no retrato de sua irmã, D. Raquel Ottolini feria, em o *Na praia*, a nota infantilmente alegre e um pouco inglesa da petizada. De D. Hebe Gomes havia dois trechos de Colares, umas *Glicínias* suportáveis de D. Maria José de Portugal Pereira, e alguma originalidade em certas notas de D. Maria Alice de Matos Carneiro.

Entre os desenhos, salientavam-se os estudos de Malhõa para diversas obras, um rápido apontamento de Columbano, *Eva* de Martinho da Fonseca, um auto-retrato de Júlio Vaz Junior e o *Retrato do poeta António Bôto* de Luís Varela Aldemira, havendo ainda a referir três trabalhos scenográficos de Leandro Calderon.

#### EXPOSIÇÃO ÁLVARO DA FONSECA

No Salão do Nacional, a abarrotar. Um cento de aguarelas, dezenas de quadros e desenhos, marinhas, paisagens, nus, monumentos, retratos, capas de livros. Ao todo, segundo o cartaz, cento e setenta trabalhos.

Infelizmente, a qualidade não correspondia à quantidade.

#### EXPOSIÇÃO ERNESTO DO CANTO

O pequeno catálogo epigráfa-se com esta aspiração de Maeterlinck: *Il faut que la beauté ne demeure pas une fête isolée dans la vie mais devienne une fête quotidienne.*

Novo, viajado, Ernesto do Canto, discípulo do velho Mercié e do audacioso Bourdelle, mostra-se um moderno. Conhecíamos-lo por algumas estatuetas humorísticas, tendentes, não sei se a exaltar, se a denegrir, as linhas históricas da nossa contemporânea. Víramos o seu nome num rol madrileno, com uma *Dançarina*, e olháramos, na Nacional, as clássicas atitudes do friso agora também pendurado no Bobone.

Sente-se que o artista, tendo visto e lido, está não só namorado da sua arte, como de toda a arte, incluindo a literária, mas que à mocidade do seu sonho se mistura a incerteza.

*Alegria de viver* chama-se um busto acompanhado pelos seguintes dizeres dum poeta americano:

*Un hymne de paix, et de joie, et d'amour  
Chante au plus profond de mon âme  
Où semble résonner un choeur de voix célestes  
S'unissant en accords divins.*